ME SECRETARIA-GERAL
DIVISÃO DE DOCUMENTAÇÃO
SECTOR DE RECORTES DE IMPRENSA

O DIA Pg. 8

Número 24385 | 93

ENSINO SUPERIOR/ORGANIZAÇAO ESTUDANTIL

Lei da praxe é dura, mas é lei

Praxe académica de Coimbra está viva e de boa saúde

■ RODRIGUES DOS SANTOS

A praxe académica de Coimbra, que esteve demasiado tempo a hibernar, suspira actualmente de alívio, enche o peito de ar fresco e mostra o rosto sem receio aos detractores que a obrigaram a esconder-se nas catacumbas do medo.

Não é excessivo afirmar que uma metade bem folgada dos 13 000 alunos da universidade já não dispensa a capa e a batina, a saia e casaco pretos tratando-se de mulheres, pelo menos nos passos mais marcantes da evolução dos seus cursos.

Existem até sinais de alguma inflação proveniente de sectores que se mostraram desafectos aos costumes tradicionais da Academia e que agora se estão a tornar mais praxistas que a praxe.

Sirva de exemplo um grupo de estudantes que há semanas visitou o Parlamento Europeu em Estrasburgo e percorreu metade do terreno da CEE adejando as capas pretas.

Bem sintomático de que a praxe estudantil se encontra em maré viva são as recentes reedições do «código da praxe académica de Coimbra» e do «palito métrico» que embora vendidos a alto preço se vendem bem.

O mesmo espera a direcção da Associação venha a suceder com o livro «como ser bom caloiro», que será lançado dentro de dias, no âmbito da «Semana de Recepção ao Caloiro».

Que a lei da praxe é às vezes dura mas é lei, será de certo uma das lições que esse livro inculcará aos novatos que se desunharam para transpor a porta-férrea, mesmo sabendo da severidade de alguns costumes.

Mas a lição que o estudante melhor fixa e retém são as amizades que os costumes académicos cimentam, e as situações agradáveis que provocam e se recordam a vida inteira.

A praxe não é, afinal, nenhum bicho de sete cabeças, pior do que ficar na aldeia a noite inteira à «espera da lontra» quando se é adolescente intrometido, andar quilómetros para devolver a «pedra de amolar» à oficina, em se sendo aprendiz pasmado, ir debaixo da torneira «tirar o pêlo», caso se trate de colegial aburguesado, ou ser levado ao choupal para «apanhar gambozinos».

Muito do que a praxe consigna vai, afinal, no sentido da máxima que tenta impedir entradas de leão para evitar saídas de sendeiro, o que se consegue com alguma humildade, mas sem humilhação, desde que não falte o sentido de humor.

Nos seus primeiros contactos, os estudantes mais velhos vão até tratar os recém-chegados como se fossem fidalgos. É assim que, nos próximos dias, haverá em sua honra o Sarau do Caloiro, o Baile do Caloiro, o Filme do Caloiro, o Jantar do Caloiro e até o Casino do Caloiro com jogos de fortuna, além de outros mimos.

Certo que as leis fixadas pelos «doutores» estabelecem que o novo aluno da Universidade pertence ao reino «animal» e tem de ser «cavalgado», enquanto não souber cavalgar.

Abaixo dele, na hierarquia animal definida pelo código da praxe, existem ainda «o bicho» e o «cão» que são os alunos dos estabelecimentos do ensino secundário e equiparado.

A esta «fauna» está vedada a transposição da porta-férrea ou de qualquer faculdade e, em caso de infracção, qualquer «doutor em praxe» pode dar logo ao caloiro a oportunidade de cavalgar o prevaricador desde o local onde se encontre até à porta indevidamente ultrapassada.

Vai nesta permissão alguma cilada pois que, caso o caloiro ponha algum pé no chão, o que pode acontecer caso seja demasiado corpulento, terá de ser ele a fazer o transporte do «bicho» mas logo que se chega ao segundo ou terceiro ano do curso, o que depende das faculdades, logo o «semiputo» e o «puto» começaram a ter algumas cartas de alforria.

O «puto» começa a poder cavalgar com alguma facilidade em várias situações, dentro do pátio da Universidade, para o que lhe bastará ser prestes a dizer esta boca do ritual «nosquoque gens sumus et bene cavalgare sabemus».

O código da praxe prevê que «só os caloiros podem ser mobilizados e gozados e só os «doutores» os podem mobilizar e gozar». E a praxe aí está em pleno vigor, desde três dias antes da abertura oficial da universidade e o primeiro dia dos festejos da Queima das Fitas, como «é da praxe».

Começaram as mobilizações e já se assistiu, por exemplo, ao esforço desenvolvido por um caloiro para medir de lés a lés o pátio da Universidade com um pau de fósforo riscado.

Na faculdade de Direito, o tema atribuído a dois novatos mais «reguilas» constituiu em fazê-los empurrar com os narizes uma moeda, até darem a volta ao claustro, ao que chegou primeiro pediu-se bis, porque era um «cfaque» e ao outro foi proposta a repetição da prova «para subir a nota».

Mas a melhor maré para mobilização dos caloiros está para chegar no princípio da próxima semana, quando se efectuar a imposição de insignias académicas e o cortejo da «tomada da Bastilha», não vão faltar então muitas e variadas situações hilariantes e anedóticas que fazem rir e não ofendem.

(*) Da Lusa para O DIA

Dia
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 ~~22~~ 23 24 25 26 27 28 29 30 31

Actividades socio culturais
Univ. Coimbra

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT ~~NOV~~ DEZ

UNIVERSIDADE DE ÉVORA